

**Anabela Mendes**

Universidade de Lisboa

***A vida é uma infâmia!– Heiner Müller e Hannah Arendt***

Para a Bia, uma inspiradora amiga

«Wenn man das Schweigen nicht hören kann, hört man auch  
keinen Text.»

1995, (Heiner Müller)<sup>1</sup>

[Quando não se consegue escutar o silêncio, também não se escuta  
texto nenhum.]

*(...) o problema é que a própria violência é incapaz de falar, e não  
simplesmente que a fala é impotente perante a violência.*

Hannah Arendt, *Sobre a Revolução*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Esta epígrafe veio ao meu encontro quando acedi ao endereço da *Internationale Heiner Müller Gesellschaft* (Sociedade Internacional Heiner Müller). De cada vez que um visitante tem acesso a esta morada electrónica é recebido por palavras do autor. O que nos chega difere sempre em cada visita. O seu pensamento tornado circulante e aparentemente irrepitível transita de fragmento em fragmento. Somos nós, os cibernautas, que produzimos o religamento das suas máximas retiradas de um contexto primeiro: ensaios, entrevistas, conversas, reflexões. Recebemos assim o testemunho e com ele o estímulo para um diálogo infinito. Internationale Heiner Müller Gesellschaft <http://www.ihmg.de/de/gesellschaft>

<sup>2</sup> Hannah Arendt, *Sobre a Revolução*, tradução de Ivo Morais (Lisboa: Relógio D'Água Editores, (2) 2001), p. 21.

## **1. Dos mortos falam os mortos**

De Galloudec, Sasportas e Debuissou fala o Marinheiro com Antoine em Paris. O assunto da conversa entre os dois homens diz respeito a uma carta escrita por Galloudec e dirigida a Antoine. O Marinheiro fixou da carta todas as palavras para que estas se não perdessem. O que nela estava escrito não o entendera ele lá muito bem. Ao certo sabia que a sua missão terminaria no momento em que a carta chegasse ao destinatário.

Alguns anos haviam passado desde que o Marinheiro estivera deitado numa cama de hospital em Cuba. Ao seu lado Galloudec, um camponês da Bretanha, ardia em febre e com uma perna amputada. Morreria pouco depois, não sem antes entregar ao companheiro de uma espécie de enfermaria a tal carta para Antoine. Este escuta agora da boca do Marinheiro como foi igualmente trágico o destino do negro Sasportas que fora enforcado em Port Royal. Havia ainda Debuissou, um médico ao serviço do exército francês e filho de um detentor de escravos, desaparecido de forma subreptícia e dissimulada após o falhanço da acção revolucionária colectiva na Jamaica contra o poder britânico colonial.

Designados pelo jacobino Antoine, os três emissários da Revolução Francesa, dispostos a fazer da Liberdade, Igualdade e Fraternidade os seus estandartes, falharam a missão de proclamarem e implementarem os ideais republicanos e universais no território jamaicano, tão próximo daquele outro – o Haiti – que já estava a ser a primeira república negra na História do mundo, embora eles disso não soubessem. Antoine convertera-se entretanto ao conforto da França napoleónica e já só se contentava em perscrutar a anatomia humana que lhe dava o sustento como médico, alheado pelo vinho e pelo sexo dos antigos princípios e valores revolucionários.

## **2. Traição e culpa: duas aliadas que o tempo não separa**

O tempo histórico que medeou entre a tentativa de realização da missão, o seu vão desfecho trágico e o relato dos acontecimentos de que a carta é testemunho, de acordo com a peça de Heiner Müller, *A Missão*

– *Recordações de uma Revolução*,<sup>3</sup> escrita em 1979, estende-se por um período de mais de dez anos, balizado a montante pela morte do rei Luís XVI, (21 de Janeiro de 1793), a jusante pelo derrube do Directório e início do consulado do general Bonaparte (9 de Novembro de 1799) e pelo tempo que dura ou durará a compreensão dos actos ou efeitos de traição e de culpa.

Estas duas últimas manifestações, próprias da condição humana, conduzem a acção da peça muito para lá do seu âmbito estritamente histórico e de representação restrita. A exemplaridade da carta sobre o destino dos três emissários da Revolução Francesa torna-se na mais alta provação para aquele deste pequeno conjunto, Debuissou, que cobardemente abandona os companheiros, confessando a impotência dos seus actos, ajustado ao remorso e às terríficas visões que o assolam:

Fiquem. Tenho medo, Galloudec, da beleza do mundo. Eu sei bem que ela é a máscara da traição. Não me deixem a sós com a minha máscara que já me entra na pele e deixou de doer. Matem-me antes que eu vos traia. Sasportas, tenho medo da vergonha que é ser feliz no mundo.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> A peça de Heiner Müller, *A Missão – Recordações de uma Revolução*, foi publicada pela primeira vez na revista literária *Sinn und Form*, em 1979, e estreada em 1980, na sala-estúdio mais pequena da Volksbühne em Berlim, com encenação do próprio autor e da sua mulher à época, Ginka Tscholakowa. A peça é paradigma do trabalho de rememoração e questionação sobre o curso da História e suas abruptas mudanças onde se espelha a paradoxal condição humana.

A peça recolhe inspiração directa em motivos da narrativa curta *Licht auf dem Galgen* (A luz sobre a forca), 1961, de Anna Seghers – pequena antologia de contos baseada em acontecimentos históricos que tiveram lugar nas Ilhas das Caraíbas, sendo neste caso destacada uma revolta de escravos na colónia inglesa da Jamaica no tempo da Revolução Francesa.

Destacam-se como bibliografia directa de trabalho: Heiner Müller, *Werke 5 Die Stücke 3, Der Auftrag – Erinnerung an eine Revolution* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, (1979) 2002), S.11-42.

Heiner Müller, *A Missão e outras peças*, organização, tradução e posfácio de Anabela Mendes, ilustrações de José Manuel Castanheira (Lisboa: apáginastantas, 1982), pp. 53-81. Toda e qualquer citação desta obra será feita a partir desta edição.

<sup>4</sup> Heiner Müller, *op. cit.*, p. 79.

Debuisson confirma com o seu comportamento e discurso aquilo que está para além dele enquanto sujeito com uma história individualizada e que escolheu virar as costas ao trabalho colectivo quando este se desfez porque os protagonistas da História tinham mudado. O seu horizonte recria-se aberto para um fundo dourado, onde o perecível se dissolve no abismo próprio, igual ao de muitos outros homens: *O mundo transformar-se-á no que foi, uma pátria para senhores e escravos.*<sup>5</sup>

Na profecia destas palavras de Debuisson podemos ler ainda aquilo que Müller defendia quando entendeu ter chegado a altura de despedir a ideia de peça didáctica que pertencera a Brecht: *A história adiou o processo enviando-o para a rua. Nem mesmo os coros ensinados são já capazes de cantar. O humanismo já só se manifesta como terrorismo.* (Carta a Steinweg, 4.1.1977)<sup>6</sup> Ao mesmo tempo que o dramaturgo Müller se tenta desembaraçar de uma concepção teatral cujo brilho político encontrou na estética épico-narrativa o seu alicerce fundamental, verificamos igualmente que aquilo que ele lhe contrapõe não resulta de uma rejeição liminar desse modelo, mas antes de uma sua potenciação. O teatro de Müller situa-se num lugar de clarividência e de intervenção política, a partir do qual a História, alheada da linearidade que aparentemente a configura, adquire um sentido próprio e intrínseco no fenómeno da repetição como prova da incapacidade humana em se superar aprendendo com os erros anteriormente cometidos. A visão pessimista de Müller sobre a história da humanidade é ela mesma um exemplo daquilo a que chamaria um *pessimismo activo* e nessa medida a lição, a grande lição recebida de Brecht, dilui-se nos seus textos e naquilo que tendo como ponto de partida ficcional a Revolução Francesa se expande de continente em continente, tornando o planeta mais vulnerável do que nunca.

A sua concepção dramaturgica, a partir desta peça, gere como reflexão representacional diversos conflitos e situações revolucionárias, que vão dos Montes Urais aos planaltos do Haiti, e que cruzam muitos séculos de História, incluindo a contemporânea. É na perspectiva daqueles cujos nomes vêm em todos os livros escolares que a História

---

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, pp. 73-74.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 81.

melhor é relatada, mas não deixa de ser significativo que também ela se faça escutar pela boca daqueles cujo silêncio se faz ouvir e não consta de aprendizagem em livro. Nesse sentido, Heiner Müller distribui ao negro Sasportas a capacidade de ser entre os mortos a voz insurrecta que sabe por instinto e experiência que qualquer processo revolucionário já traz em si a semente da contra-revolução, embora ele também saiba ser esta o instrumento revigorador do *enredo do novo drama*,<sup>7</sup> que só conhecerá quem o vai representar como indistinto protagonista, quando a este for dada a passagem de testemunho e dela nascer nova missão:

Com cada enfarte da revolução nasce nova carne dos seus ossos, sangue nas suas veias, vida na sua morte. A revolta dos mortos será a guerra das paisagens, as nossas armas os bosques, os montes, os mares, os desertos do mundo. Eu serei bosque, montanha, mar, deserto. Eu, ou seja, a África. Eu, ou seja, a Ásia. As duas Américas sou eu.<sup>8</sup>

### 3. Liberdade, libertação – como, quando e porquê?

Se não parece haver uma ligação directa e imediata do pensamento de Bertolt Brecht sobre o modelo e estrutura da peça didáctica em Heiner Müller, como o próprio assim defende, a verdade é que o autor de *A Missão* com o seu *pessimismo activo* torna inquietos e atentos os seus leitores e espectadores e deste ponto de vista faz jus ao seu mestre.

É através da proposta de um pensar dialéctico que Müller confronta o seu público com a ideia de que liberdade e libertação não são exactamente idênticas no entendimento que delas possamos fazer. Exercitamos assim a tendência que nos levou já a contrariar a linearidade de todo e qualquer processo histórico, sobretudo quando nele se destaca uma revolução como proposta de mudança abrupta, a partir da qual um novo processo poderá ou irá ter lugar. Neste sentido apenas o *continuum* da História é previsível como pensamento, embora nunca saibamos verdadeiramente aonde ele nos conduz. Se bem que o sentido de ruptura implicado no acto revolucionário ou na congeminação

---

<sup>7</sup> Hannah Arendt, *op. cit.*, p. 32.

<sup>8</sup> Heiner Müller, *op. cit.*, p. 79.

do mesmo pareça conduzir-nos para uma constatação truística, como diria Hannah Arendt, de que apesar de a libertação estar contida naquilo que a liberdade é, ela, a libertação, não conduz de forma automática à vigência da liberdade e nem o propósito de criar condições para libertar alguém de alguma coisa pode ser identificado com o desejo e a vontade de liberdade.<sup>9</sup>

Sabendo nós que o desejo de alguém querer começar algo de novo tem consensualmente a sua legitimidade e só se consoma de um ponto de vista ético e prático se o processo de libertação for desencadeado sem colidir com a liberdade de outra pessoa, o mesmo já não podemos advogar se a relação entre liberdade e libertação disser respeito a um colectivo e puser em causa direitos civis ou a governação constitucionalmente aceite. Deste ponto de vista a questão levantada pela revolução, por qualquer revolução, nos tempos modernos e contemporâneos, advém de um processo que se cria como estado de excepção, em que as relações entre as pessoas se degradam ou pelo menos sofrem mudança de rumo e muitas vezes fatalmente se dissolvem. Tudo isto depende de que lado da barricada se está ou se existe a consciência de que, por vezes, ambos os lados da barricada são visitáveis, tornando assim mais evidente o sentimento de traição a que se pode associar indelevelmente a culpa.

È neste contexto que o acto de libertar, em nome do que há-de vir e que não se conhece ainda, pode ser acção bárbara, descontrolada, imprevista, sem restrições e desencadeadora de contínuo ou interceptado movimento. Nesta acepção, o acto libertador não é confundível com liberdade, na perspectiva de se ter alcançado um porto seguro, uma plataforma de onde o novo começará a brotar, e a liberdade jamais poderá ser alcançada sem o pesado custo de muitas vidas ou de vidas que mudam repentinamente de rumo e de sentido. A dificuldade nasce para nós da impossibilidade de sermos capazes de alcançar com segurança e convicção o exacto momento em que libertação se transforma em liberdade, em que, como afirma Hannah Arendt, (...) *é frequentemente muito difícil dizer onde termina o simples desejo de libertação, de estar*

---

<sup>9</sup> Hannah Arendt, *op. cit.*, p. 33.

*livre da opressão, e onde começa o desejo da liberdade como um modo político de vida.*<sup>10</sup>

Heiner Müller parece ter percebido quão difícil e inexorável é essa fronteira, aonde ocorrem liberdade e libertação e a que não escapamos, não só em situações de excepção que possam conduzir a uma revolução, mas também na convivência mais comum associada às nossas vidas privadas. O autor alemão experimentou na pele esse sentimento de traição que sempre o dividia em tempos de paz inquieta, os da Guerra Fria, e que o acompanhava sob um manto de sombra entre o Leste e o Ocidente. Mesmo depois da reunificação alemã e independentemente de todos os juízos de valor que sobre ele foram feitos, a consciência intranquila do homem Müller tornou-se mais insuportável do que saber um segredo e guardá-lo para si próprio. Desse lugar de privilégio e, tal como Debuissson, com *medo da vergonha que é ser feliz neste mundo*, Müller reescreveu quase ininterruptamente o discurso e as dores da traição e traidores, dando novos rostos à ideia de revolução e sempre considerando que liberdade e libertação condicionavam o próprio ser humano na capacidade de a elas ter de recorrer sem depois saber muito bem o que com elas fazer.

#### **4. *A vida é uma infâmia!***

Diz-nos Hannah Arendt, em *A Condição Humana*, que *o facto de toda a vida individual, compreendida entre o nascimento e a morte, poder vir a ser narrada como uma história com princípio e fim, é a condição pré-política e pré-histórica da História, a grande história sem começo nem fim.*<sup>11</sup> Considerando que o narrar da História ou a sua representação se baseia no princípio de que a vida humana em si não é criada exteriormente a quem a vive, e que esta só pode servir os objectivos da História se a partir dela for engendrada uma ficção, melhor lugar não haverá do que o Teatro para dar corpo ao sentimento de perplexidade que nos atinge quando em cena assistimos,

---

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, 37.

<sup>11</sup> Hannah Arendt, *A Condição Humana*, tradução de Roberto Raposo (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001), p. 233.

aqui e agora, à representação de acções acontecidas, algumas delas identificadoras do carácter heróico ou vil de pessoas com quem jamais teremos conversação, mas que diante de nós ganham materialidade no desempenho dos actores.

Sem dúvida que é importante conhecermos quem é quem, para assim tentarmos desenhar um momentâneo apontamento de uma biografia. Mas mais do que querermos saber quem foi esta ou aquela figura que diante de nós é exposta, o que realmente nos prende é aquilo que ela realiza ou realizou. A nossa atenção irá sempre concentrar-se, de forma prioritária, no fio condutor da acção ou, no caso de *A Missão Recordações de uma Revolução*, na emaranhada tessitura que o processo de rememoração de acontecimentos, factuais, sonhos, visões e pesadelos, rodeados de uma territorialidade e temporalidade múltiplas desencadeia no leitor ou espectador.

Aquela *grande história sem começo nem fim*, a que se reporta Hannah Arendt, na obra citada, significa justamente a indomável passagem do tempo pela espécie humana ao longo da grande história da humanidade, como um fluxo apenas concentrado no movimento que desencadeia e mantém. Desvenda-se, assim, nesta peça mülleriana a reificação do carácter heróico das personagens como denegação. É o caso, por exemplo, da cena em que Sasportas e Galoudec representam respectivamente Robespierre e Danton, contrariando neles a heroicidade revolucionária e deles fornecendo uma imagem decrépita, apodrecida e sanguinária – o outro lado da História – através da qual liberdade e libertação se confundem paradoxalmente nos actos praticados em nome de uma ideologia, qualquer ideologia que por si só não é nunca capaz de trazer o bem-estar e a harmonia de que os povos precisam.

Sob a luz dos projectores ou na sua sombra apenas alguém faz ouvir a sua voz, alguém que silenciosamente memorizou as palavras de um moribundo e as transportou consigo ao longo de uma década. Escutar a violência e presenciá-la em feridas abertas foi a sua primeira missão. Viver com o discurso da violência acontecida dentro de si mesmo, não sabendo se essas palavras iriam sobreviver tal como lhe tinham sido transmitidas, foi a segunda missão que acabou por cumprir. Ser capaz de narrar e dar a ler como a violência e a arbitrariedade haviam impedido a libertação de se consumir e ser uma luminosa ponte para a liberdade



de outros acabou por também acontecer dando lugar ao cumprimento cabal da missão.

O Marinheiro jamais se sentiu instrumentalizado pelo curso da História, mesmo que esta se lhe apresentasse como avassaladora e lhe causasse pânico. Talvez ele seja o único que sempre encontrou fora de si aquilo que a interioridade lhe devolvia como a sua sombra. Não espanta por isso que o sentido imprecatório das suas palavras continue a ecoar em nós para além do tempo de uma peça: “A vida é uma infâmia!”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Heiner Müller, *op cit.*, p. 56.